

## De Proust a Barthes: a busca pela literatura

Carla Cavalcanti e Silva<sup>1</sup>

RESUMO: Em seu ensaio "Durante muito tempo, fui dormir cedo", publicado em o *Rumor da língua*, Barthes resalta uma das características mais importantes da obra proustiana: não se trata nem de Romance, nem de Ensaio, mas de uma terceira forma. Essa forma seria a única possível a dar estrutura ao romance proustiano, que destaca, dentre outros elementos, a busca do próprio narrador por tornar-se escritor. Ao discorrer sobre essa nova lógica proustiana, Barthes se identifica com Marcel Proust, pois naquele momento, o crítico busca uma nova forma de escrever (a literatura) tendo como ponto de partida seu estado de luto, ou para usarmos um termo barthesiano, de *acedia*. O intuito desta comunicação é percorrer os escritos barthesianos que discorrem notadamente sobre Marcel Proust para analisar a importância do escritor francês na produção crítica e na escrita de Roland Barthes. Para tanto, propomos comentar fundamentalmente as obras: *Novos ensaios críticos*, *O rumor da língua* e *A Preparação do romance*.

PALAVRAS-CHAVE: Proust; Barthes; desejo de escrever; romance.

## From Proust to Barthes: the search for literature

ABSTRACT: In the essay 'Longtemps, je me suis couché de bonne heure...' published in *The Rustle of language*, Barthes highlights one of the most important features of the Proustian work: it is neither a Novel nor an Essay, but a *third form*. This form would be the only possible one to structure the Proustian novel, which focuses, among other elements, on the search of the narrator to become a writer. By analysing this new Proustian logic, Barthes identifies himself with Marcel Proust, for at that given moment the critic was searching a new way to write (literature) having as the departure point his mourning, or in Barthes terms, *acedia*, i.e. the sloth. The aim of this paper is to go through the Barthesian writings that namely mention Marcel Proust in order to analyse the importance of the French writer to Roland Barthes' critical and writing production. For that, we propose to remark mainly the following works: *New Critical Essays*, *The Rustle of language* and *The Preparation of the Novel*.

KEYWORDS: Proust; Barthes; Wanting-to-write; Novel.

Embora eu não seja especialista em Barthes, posso dizer que sou leitora e grande admiradora de sua obra. Tenho lido seus livros desde os anos de graduação e passei a utilizar as noções desenvolvidas pelo crítico sobretudo nos meus trabalhos acadêmicos e, mais detidamente, na minha tese.

Como pesquisadora de Proust e de seus manuscritos, os textos que Barthes dedicou ao escritor francês me foram de grande ajuda e serviram como grandes estimuladores de ideias e reflexões acerca, notadamente, da questão da escritura e das dificuldades de produzir um romance.

Contudo, percebo que nos últimos anos, minha relação com Barthes se tornou mais próxima. Se antes ele servia de guia, de base para a tessitura de meus pensamentos acerca da escritura e do que é escrever um romance, hoje o leio da mesma forma que leio Proust ou outros escritores.

Se antes eu explorava somente o lado do Barthes comentador, ensaísta, hoje me interessa um pouco mais pelo seu lado escritor, o lado daquele que deseja escrever. Esse interesse é capital, ou como diria Proust, "capitalíssimo" ('*capitalissime*')<sup>2</sup>, pois é na relação que Barthes tece com os escritores que podemos perceber os desdobramentos da literatura, ou se quisermos, de como a literatura atua naquele que a lê.

De uma visão de literatura enquanto objeto, Barthes passa a se aproximar dela enquanto escritura, palavras usadas por ele em sua conferência de 1978 no Collège de France que porta o título da frase inaugural do *Em busca do tempo perdido*<sup>3</sup>:

<sup>1</sup> Docente do Curso de Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus Assis.

<sup>2</sup> Palavra que aparece de forma sistemática nos manuscritos proustianos e que indica a importância de uma passagem ou frase que o escritor deve inserir em seu texto.

<sup>3</sup> Que doravante chamarei de *Recherche*.

Coloco-me realmente na posição de quem *faz* alguma coisa, e não mais de quem fala *sobre* alguma coisa: não estudo um produto, endosso uma produção; elimino o discurso sobre o discurso; o mundo já não vem a mim sob a forma de um objeto, mas sob a forma de uma escritura, quer dizer, de uma prática: passo para outro tipo de saber (o do Amador), e é nisso que sou metódico. (BARTHES, 2012, p. 363).

Nessa conferência publicada no *Rumor da Língua*, notamos como a leitura de Proust suscitará um desejo genuíno de escrever. Mas embora esse texto seja um dos principais escritos barthesianos para compreendermos a relação do crítico com Marcel Proust, ele não será o primeiro a mencionar o escritor.

Em seu livro inaugural *O grau zero da escrita*, obra na qual Barthes ainda estaria no caminho daquele que fala “sobre alguma coisa”, o crítico mencionará Proust como um escritor, ao lado de Flaubert, Mallarmé e outros, que virará as costas para o romance tradicional e proporá uma nova escritura literária.

Para retomarmos brevemente as ideias desse livro que Leda Tenório da Motta caracteriza como uma obra “das mais radicais da crítica contemporânea e, bem por isso, uma das mais intrigantes” (2010, p. 233), Barthes se propõe a traçar não a História da literatura, mas a da escritura, que neste momento, é vista como “uma moral da forma”, uma escolha do escritor em confronto com sua sociedade e com a História literária.

Essa primeira obra de Barthes se confirma radical, pois assim como os grandes escritores modernos que recusam a literatura que os precede, Barthes vira as costas para a crítica acadêmica e busca entender a literatura a partir dessa nova noção de escritura e não mais a partir de movimentos literários.

Essa reflexão traz leituras interessantes e inusitadas como as de que Mérimée e Fénelon, separados por um século e meio de distância, possuem uma mesma escritura e de que escritores contemporâneos como Mérimée e Lautréamont, Mallarmé e Céline, Gide e Queneau, Claudel e Camus tem escrituras completamente diversas:

[...] tudo os separa: o tom, o fluxo, o fim, a moral, a natureza da palavra de cada um, de modo que a comunidade de época e de língua pesa bem pouco em face de escritas tão opostas e tão bem definidas por sua própria oposição. (BARTHES, 2004, p. 13-14)

Essa mudança detectada entre escritores do mesmo século é entendida por Barthes como uma ruptura de uma escritura burguesa triunfante.

Ora, os anos situados em torno de 1850, trazem a conjunção de três grandes fatos históricos novos: a inversão da demografia europeia; a substituição da indústria têxtil pela indústria metalúrgica, que dizer, o nascimento do capitalismo moderno; a secessão (consumada com as jornadas de junho de 48) da sociedade francesa em três classes inimigas, isto é, a ruína definitiva das ilusões do liberalismo. Essas conjunturas lançam a burguesia numa situação histórica nova. Até então, era a ideologia burguesa que dava a medida do universal. (BARTHES, 2004, p. 51)

É nesse turbilhão de acontecimentos, nessa prova cabal de que os ideais liberais da revolução não se concretizaram e de que, com o capitalismo, havia uma divisão muito clara em três classe antagônicas, que o escritor pós 1848 não poderá mais adotar a forma universal do Romance tradicional, pois segundo Barthes:

[...] o universal lhe escapa, não pode ultrapassar-se a não ser se condenando; o escritor se torna a presa de uma ambiguidade, visto que sua consciência não recobre mais exatamente a sua condição. Assim nasce um trágico da Literatura. (BARTHES, 2004, p. 52)

É neste momento que as escrituras começam a se multiplicar, reivindicando “para si o ato inicial pelo qual o escritor assume ou detesta a sua condição burguesa” (BARTHES, 2004, p. 52). Nesse contexto, o escritor torna-se uma espécie de Orfeu sem literatura e Barthes demonstra que o ato de escritura moderna questiona, por isso mesmo, a própria existência da Literatura.

O escritor moderno é o escritor órfico ou, para utilizar outra bela imagem empregada por Barthes, o escritor adâmico, que “expulso” do paraíso, deve criar, inventar uma nova escritura literária, e é nesse contexto que Proust aparece.

No ensaio “A Escritura e a fala”, Barthes retoma o início do século XX para tratar de uma tentativa de reconciliação da literatura com a sociedade. Se depois da poesia moderna, a literatura passa por uma espécie de silêncio, é com Marcel Proust que vemos se delinear um novo compromisso literário. Foi preciso esperar até Proust para que:

o escritor confundisse inteiramente certos homens com suas linguagens e não nos desse as suas criaturas senão sob as puras espécies, sob o volume denso e colorido de sua palavra. [...] uma personagem proustiana [...] se condensa na opacidade de uma linguagem particular, e é neste nível que se integra e se ordena realmente toda a sua situação histórica: sua profissão, classe, fortuna, hereditariedade, biologia (BARTHES, 2004, p. 69).

Barthes parece perceber, já nos anos 50, a importância dos personagens proustianos que irão “humanizar” a literatura do século XX, que não servirá mais como um orgulho ou um refúgio de uma classe, mas “começa a se tornar um ato lúcido de informação, como se lhe fosse preciso primeiro aprender, reproduzindo-o, o pormenor da disparidade social” (BARTHES, 2004, p. 69). No texto “Durante muito tempo, fui dormir cedo”, o valor das personagens em Proust retorna, mas não mais ligado à fala, e sim ao afeto. Para Barthes:

O romance, tal como o leio ou desejo, é precisamente essa Forma que, delegando a personagens o discurso do afeto, permite dizer abertamente esse afeto: aí o patético é enunciável, pois o Romance, sendo representação e não expressão, nunca pode ser para quem o escreve um discurso da má fé (BARTHES, 2012, p. 362).

Barthes retira da experiência de leitura de romances como a *Recherche* ou *Guerra e Paz*, de Tolstói, o que ele chamou de “momentos de verdade”. O que Barthes busca, numa possível escritura de romance, são esses momentos, esse *pathos* da literatura, verdades que os escritores constroem para aqueles que amam.

Proust, por meio da personagem da avó, mostrou que o sofrimento de sua mãe não “[cairá] no nada da História” (BARTHES, 2012, p. 362), que será “recolhido, justificado” (Idem, p. 362). Interessante é perceber que Barthes adota o termo empregado por Proust, quando da morte do personagem Bergotte, que falece sem ter produzido uma “arte justificada”.

Esse aspecto dos personagens proustianos que aparece tanto no primeiro quanto nos últimos escritos do crítico será um dos elementos mais buscados por Roland Barthes na tentativa de escrita de romance. Como assinala Claudia Amigo Pino em seu texto:

O fichário de trabalho revela uma empresa obsessiva, quase louca. Eu pude consultar pelo menos 300 fichas, nas quais Barthes tentava anotar, por exemplo, todos os lugares frequentados pelas personagens de Proust (e seus correspondentes “reais”), assim como suas distâncias. Tudo isso para que ele pudesse criar lugares correspondentes para seu romance e seus personagens. Ele procurava possibilidades de transposição de todos os níveis do romance de Proust (espaço, tempo, caracterização de personagens, etc.). (PINO, 2011, p. 78).

Essa pesquisa inédita dos manuscritos indica que, de fato, Barthes buscava a forma romanesca e tinha Proust como grande modelo. Se, num primeiro momento, podemos considerar que Barthes não conseguiu escrever e que se situa no caminho do personagem

proustiano, que quer escrever, mas que em raríssimos momentos da *Recherche* produz literatura, com os manuscritos barthesianos, percebemos que o crítico se coloca muito mais no caminho de Proust.

Essa diferença entre Marcel (personagem) e Proust (escritor) foi notada pelo próprio Barthes em 1967, em outro texto sobre o escritor – “Proust e os nomes”. Segundo o crítico:

Os dois discursos, o do narrador e o de Marcel Proust, são homólogos, mas não análogos. O narrador vai escrever, e esse futuro o mantém numa ordem de existência, não da palavra; está a braços com uma psicologia, não com uma técnica. Marcel Proust, ao contrário, escreve; luta com as categorias da linguagem, não com as do comportamento. (BARTHES, 2004, p. 147)

Como constatamos no texto “Durante muito tempo, fui dormir cedo”, o crítico dá pistas de que a palavra “romance” indicaria muito mais um desejo de escrever algo diferente do que produzir uma obra com estrutura romanesca:

Gostaria de poder desenvolver um dia esse poder do Romance [...] seja ao sabor de um ensaio (falei de uma História patética da Literatura), seja ao sabor de um Romance, ficando entendido que chamo assim, por comodidade, qualquer Forma que seja nova em relação à minha prática passada, ao meu discurso passado. (BARTHES, 2012, p. 361)

Essa analogia que busco traçar entre Barthes e Proust perpassa dois níveis: o biográfico e o escritural.

No que tange o biográfico, Proust começa a produzir a *Recherche* com 40 anos, após um grande luto decorrente da morte de sua mãe. Barthes, como todos sabemos, começa a se interessar pela produção romanesca após a morte de sua mãe, e essa identificação com o homem Proust parece ser um dos motivos pelo qual Barthes profere sua conferência no Collège de France.

Entretanto, não podemos nos contentar apenas com essa identificação com o homem, pois ainda que para nós ela seja evidente, Barthes menciona de maneira bastante cautelosa, que essa identificação não repousaria numa espécie de “proustismo”, mas antes num “marcelismo”. Ou seja, Barthes é bastante pontual quando busca evocar não o escritor, mas o personagem que representa, grosso modo, o desejo de escrever.

Mas gostaria de extrapolar a questão do “marcelismo” para reencontrar o “proustismo”, demonstrando que esse desejo de escrever e as dúvidas que o acompanham estiveram igualmente presentes no escritor Marcel Proust.

Antes de escrever a *Recherche*, Proust acumulou vários abandonos literários, tais como o *Contre Sainte-Beuve* e o romance *Jean Santeuil* e embora em termos didáticos, façamos uma divisão entre os escritos ensaísticos e romanescos do escritor, cumpre destacar que ela é totalmente inexistente, já que Proust nunca conseguiu abandonar nenhum dos gêneros. Como bem notou Barthes: “Proust est en effet à la croisée de deux voies, de deux genres, tiraillé entre deux ‘côtés’, dont il ne sait pas encore qu’ils peuvent se rejoindre [...]: le côté de l’Essai (de la critique) et le côté du Roman” (BARTHES, 1984, p. 334). Essa indecisão de gêneros foi motivo de angústia para Proust. De caráter fortemente autobiográfico, *Jean Santeuil* inaugura o gênero romance na carreira literária do escritor, mas ainda lhe proporciona questões e dúvidas. Em uma carta a Marie Nordlinger, prima inglesa de seu amigo Reynaldo Hahn, Proust menciona:

Je travaille depuis très longtemps à un ouvrage de très longue haleine, mais sans rien achever. Et il y a des moments où je me demande si je ne ressemble pas au mari de Dorothée Brook dans *Middlemarch* et si je n’amasse pas des ruines. Depuis une quinzaine de jours je m’occupe à un petit travail absolument différent de ce que je fais généralement, à propos de Ruskin et de certaines cathédrales. (Corresp., t. II, p. 377)<sup>4</sup>

<sup>4</sup> “Eu trabalho há muito tempo numa obra de grande fôlego, mas sem acabar nada. Há momentos em que me pergunto se eu não pareço com o marido de Dorothée Brook em *Middlemarch* e se eu não estou juntando

O abandono do romance e o mergulho nas traduções das obras de Ruskin, desvio considerável das atividades literárias, durou seis anos até Proust dedicar-se finalmente à *Recherche*.

O inacabamento de *Jean Santeuil*, ou pior, a consciência de sua provável irrealização, de seu previsto fracasso foi uma das preocupações de Proust que, em determinados momentos, indagava-se sobre sua condição de romancista. Logo na introdução do romance em questão, Proust escreve: “Puis-je appeler ce livre un roman? C’est moins peut-être et bien plus, l’essence même de ma vie recueillie sans y rien mêler, dans ces heures de déchirure où elle découle. Ce livre n’a jamais été fait, il a été récolté” (PROUST, 1952, p.31).

Essa tendência de trabalhar com dois gêneros persiste na construção da *Recherche* e em uma carta a Louis de Robert, na qual Proust fala de sua obra, classificando-a como um romance por ser “do romance que ela se distancia menos”, ele confessa: “Je suis incapable d’en dire le genre”. (Citado por GENETTE, 1987, p. 31).

O desejo de escrever e os problemas que isso implica recaem sobre aquilo comentado por Gérard Genette (1980). O crítico afirma que a obra proustiana é uma resposta exemplar ao que ele chamou de “questão da escritura” ou em outros termos, as dificuldades ou até mesmo a impossibilidade de escrever uma obra de ficção.

Ainda que em outra proporção, Barthes se verá diante dessa problemática da escritura partilhada não somente pelo narrador-personagem, mas também pelo escritor da *Recherche*, e assim como Proust, ele anunciará esse desejo e implicitamente, os empecilhos que o acompanham.

Caberia a pergunta: será que Barthes realmente procurava escrever um romance nos moldes de um Proust ou de um Tolstói? A princípio, tudo indicaria que sim, não só pela fala contida em sua conferência, mas segundo Claudia Pino, pelo estudo aprofundado que Barthes faz das personagens proustianas em seus manuscritos. Mas se recuperarmos uma passagem citada anteriormente, Barthes declara que o termo “romance” faz menção menos a um gênero, e mais a uma forma diferente de escrever.

Barthes mergulha nessa busca pelo romance e seu iniciador será Marcel Proust, assim como Virgílio foi o de Dante. Mas Barthes não produz um romance como o de Proust, e talvez, ainda que os manuscritos indiquem o contrário, a forma romanesca não tenha sido algo primordial para o crítico.

Assim como Proust estava dividido entre o ensaio e o romance, Barthes, que se situa no caminho do ensaio, da metáfora, busca a fabulação, a metonímia para poder falar sobre o mundo. Parece-me que o crítico se preocupa menos com a forma e mais com aquilo que a literatura trás de maneira contundente, a saber: os tais “momentos de verdade”.

Não são momentos de verdade que lemos em seu Diário de luto? Não é a ternura de sua mãe que é recuperada na *Câmara Clara*?

Essa escritura literária, Barthes a atingiu, sem no entanto, recorrer as instâncias romanescas. A busca de Proust e a de Barthes não passava somente pela escrita de um romance, mas também por escrever o desejo de escrever.

---

ruínas”. Proust se compara ao personagem M. Brooke, do romance *Middlemarch* de George Eliot, que trabalha toda a sua vida em uma obra insignificante e absurda.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Œuvres complètes*, t. II (1966-1973). Paris: Seuil, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O grau zero da escrita seguido de Novos ensaios críticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- GENETTE, Gérard. “La question de l’écriture”. In: BARTHES, Roland et al. *Recherche de Proust* (Coll. Essais). Paris: Éditions du Seuil, 1980, p. 7-12.
- MOTTA, Leda Tenório da. “Roland Barthes e seus primeiros toques de delicadeza minimalista. Sobre *O grau zero da escritura*”. *Alea*, Vol. 12, número 2, 2010, pp. 233-247.
- PINO, Claudia Amigo. “O romance do tempo perdido: o mito de Proust e a busca de Barthes. In: WILLEMART, Philippe; BEBIANO, Alexandre. (Org.). *Proust 2011*. 1ed. São Paulo: Humanitas, 2013, v. 1, p. 50-73.
- PROUST, Marcel. *Jean Santeuil*. 3<sup>e</sup> édition. Paris: Gallimard, 1952. 3v.
- \_\_\_\_\_. *Correspondance*. Texte établi par Philip Kolb. Paris: Plon, 1970-1993.